

## AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail [recursoscontinuos@dirbi.ufu.br](mailto:recursoscontinuos@dirbi.ufu.br).

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE HISTÓRIA

MUSEU MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA: MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES  
PRESENTES NA EXPOSIÇÃO “NOSSAS RAÍZES” (2000-2009)

RENATO JOSÉ PEREIRA

RENATO JOSÉ PEREIRA

MUSEU MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA: MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES  
PRESENTES NA EXPOSIÇÃO “NOSSAS RAÍZES” (2000-2009)

Trabalho de monografia apresentado ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para a obtenção de título de Bacharel em História, sob a orientação do Prof. Dr. Antônio de Almeida.

Uberlândia, Dezembro de 2009

## **FICHA CATALOGRÁFICA**

PEREIRA, Renato José. (1973)

Museu Municipal de Uberlândia:

Memórias e representações presentes na Exposição Nossas Raízes,  
2000-2009

Renato José Pereira – Uberlândia, 2009

52 fl.

Orientador: Professor Doutor Antonio de Almeida

Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia

Curso de Graduação em História

Inclui Bibliografia

Palavras Chaves: Memória, representações e poder.

RENATO JOSÉ PEREIRA

MUSEU MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA: MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES  
PRESENTES NA EXPOSIÇÃO “NOSSAS RAÍZES” (2000-2009)

Monografia apresentada exigência parcial para a obtenção do título de Bacharel em  
História no Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia.

APROVADO no dia \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_.

---

Orientador

---

Banca

---

Banca

## **AGRADECIMENTOS**

Esta monografia, realizada como trabalho de final de curso, representou um enorme esforço pessoal, do qual fizeram parte pessoas que considero importantíssimas, companheiros que, no decorrer do curso colaboraram nessa empreitada e às quais agora agradeço.

Agradeço ao meu amigo Marco Túlio, pelo empurrão inicial, uma vez que, em face do meu abandono ao curso, motivou-me a regressar e concluir a graduação.

Destaco a competência e a paciência do Secretário Municipal de Uberlândia, João Batista, assim como sua presteza no sentido de sanar as dúvidas que tive na graduação.

Não poderia deixar de lembrar o carisma e a simplicidade do professor Antônio de Almeida, que me orientou de forma brilhante desde o início do projeto.

Também não poderia deixar de lembrar a professora Marta Emísia, a quem agradeço pela gratidão e riqueza de suas aulas, uma vez que foi cursando uma de suas disciplinas que optei pelo tema no qual se inscreve nessa monografia.

Agradeço aos funcionários do Museu Municipal, Eliane e Regina, os quais abriram as portas da instituição para que fosse realizada a pesquisa, bem como viabilizou o acesso a toda documentação existente acerca da exposição, pessoas por quem tenho enorme estima e gratidão.

Agradeço também os servidores do Arquivo Público Municipal de Uberlândia pela gentileza e atenção nas inúmeras visitas a essa instituição, realizadas na constante busca por material de pesquisa.

Agradeço a todos os entrevistados pela compreensão e pela contribuição por meio de seus relatos orais.

Agradeço aos meus pais, que me acompanharam durante toda a minha trajetória e, principalmente, a minha filha Rayssa, maior inspiração de todas.

Agradeço a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para esse trabalho.

## **RESUMO**

Essa monografia tem como finalidade a análise da “Exposição Nossas Raízes”, instalada no Museu Municipal de Uberlândia. No conteúdo da exposição, identificamos, os mecanismos de criação de uma memória hegemônica, voltada para a consolidação dos interesses de uma minoria local. Pretendemos também, contribuir para uma reflexão histórica acerca dos usos da memória que visam a uma constituição de uma história oficial.

**Palavras chaves:** Memória. Representação. Poder.

## **ABSTRACT**

This monograph aims to analyze the public exhibition “Nossas Raizes”, located at the Municipal Museum of Uberlândia. We identified at the content of the public exhibition the mechanisms for creation of a hegemonic memory that aims to consolidate the interests of a local minority. We also aim to contribute to a historical reflection on the uses of memory that aims the establishment of an official history.

**Keywords:** Memory. Representation. Power.

## SUMÁRIO

|                                                                                                            |    |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| INTRODUÇÃO.....                                                                                            | 10 |
| CAPÍTULO 1 – AS “RAÍZES” DE UMA MEMÓRIA SELETIVA.....                                                      | 16 |
| 1.1 A exposição “Nossas Raízes” e as intencionalidades dos “Lugares da memória”.....                       | 16 |
| 1.2 Nas salas de exposição ,vozes ouvidas, vozes silenciadas.....                                          | 24 |
| 1.3 “Bandeiras: Bandos de-vasta-ação”.....                                                                 | 24 |
| 1.4 “O fazedor e o fazendeiro, nas fazendas”.....                                                          | 30 |
| 1.5 “Lembranças aquecidas do cozer... das cozinhas”.....                                                   | 31 |
| 1.6 “Uberabinha: Uberlândia em formação”.....                                                              | 33 |
| CAPÍTULO 2 – UBERLÂNDIA PROGRESSISTA: O PAPEL DA EXPOSIÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE UMA IMAGEM SOBRE A CIDADE..... | 36 |
| 2.1 A parceria entre o Público e o Privado e seus significados sociais e políticos.....                    | 36 |
| 2.2 A Exposição “Nossas Raízes” sob diferentes olhares.....                                                | 39 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS.....                                                                                  | 51 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....                                                                            | 53 |

## INTRODUÇÃO

A presente monografia tem por objetivo analisar a memória e as representações acerca da mostra intitulada “Nossas Raízes”, instalada no Museu Municipal de Uberlândia, na tentativa de compreender até que ponto o conteúdo dessa exposição pode contribuir para a construção de uma memória coletiva voltada para a consolidação de uma História a serviço dos interesses das elites dominantes locais.

A motivação inicial do trabalho centrou-se na questão do índio e suas diversas representações, principalmente no que se refere ao livro didático. A mudança de enfoque ocorreu a partir das vivências e contatos teóricos na disciplina PIPE II<sup>1</sup>, quando resolvemos focalizar na temática “Museu” a fonte para a realização do seminário de pesquisa. A partir desse tema e das próprias leituras, bem como com as pesquisas que campo, minha atenção voltou-se para com o Museu Municipal de Uberlândia em função noção de memória aliada à noção de patrimônio histórico e pela própria representação acerca do indígena, motivação inicial para o trabalho de conclusão do curso.

Contribuiu também para esse deslocamento em relação à motivação inicial, que fio canalizada para o Museu Municipal de Uberlândia, o fato de haver inúmeros trabalhos acadêmicos que relacionam a temática indígena e do livro didático. O objetivo do pesquisador era investigar um tema até então pouco explorado no meio acadêmico.

Sendo assim, ao delimitar a temática “Museu”, enfatizando a Exposição da mostra “Nossas Raízes”, ressalto a importância de fundamentar essa monografia, compreendendo-se a noção de *patrimônio enquanto fazeres sociais*. Nesse sentido, Marcos Silva<sup>2</sup> possibilita esse intento à medida que propicia uma discussão com o objetivo de pensar a cidade de uma forma mais ampla, evidenciando a correlação de forças, bem como a desconstrução dos chamados “patrimônios edificados”.

Esse autor, pensando a questão dos patrimônios históricos para além dos limites de uma visão tradicional, propõe um esforço que permite ir além do edificado, identificando os agentes responsáveis na definição do que venha a ser o patrimônio histórico no contexto do espaço urbano. Esse referencial teórico sinaliza para mais um dos meus objetivos, problematizar o Museu Municipal de Uberlândia no horizonte do

---

<sup>1</sup> Disciplina obrigatória na grade curricular do curso de História. Na ocasião a disciplina Pipe II era ministrada pela Professora Marta Emília Jacinto.

<sup>2</sup> SILVA, Marcos. **História** – O prazer em Ensino e Pesquisa. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

patrimônio edificado. Nesse sentido, partindo das premissas presentes no pensamento de Marcos Silva, é preciso pensar o patrimônio histórico trazendo a este a instância das experiências humanas, pensando a cidade de forma mais ampla e democrática, nessa via.

Outro referencial que norteou a discussão e problematização da temática de trabalho diz respeito ao texto da Silvia Hunold Lara<sup>3</sup>, uma vez que a autora trabalha a noção de História, memória e museu, estabelecendo relações para sair do plano do óbvio, estabelecido, e tentar pensar o que fundamenta as diversas concepções de *museu* destacadas pela autora.

A partir desse suporte teórico foi possível pensar o “Museu Municipal de Uberlândia” evidenciando o entendimento do exercício deste, bem como a fundamentação do poder e da legitimação de determinada ideologia dominante. Nesse horizonte, não é possível um entendimento de que o museu assuma uma postura neutra com relação aos objetivos propostos pela instituição. Por outro lado, ao trazer à tona os quatro momentos distintos da exposição “Nossas Raízes”, fica evidente que está implícita uma linha histórica em que se fundamenta e legitima um ideário de progresso acerca do desenvolvimento histórico da cidade de Uberlândia.

Analisar esses quatro momentos “fundantes” da cidade de Uberlândia, juntamente com os agentes sociais envolvidos nesse processo, demandou que essa monografia levantasse problematizações relativas à memória constituída em torno da instituição, bem como retratasse a preocupação de legitimar uma memória voltada para a consolidação de um ideal de progresso. A figura do índio não foi totalmente excluída nesse trabalho, uma vez que, na própria exposição do Museu Municipal de Uberlândia, há uma referência direta à participação dos índios, assim como uma menção ao negro.

O papel e a representação de tais agentes serão mais bem explicitados no decorrer da argumentação. Cabe antecipar que, considerando a perspectiva da consolidação de uma memória, seria impossível desvencilhar o papel que tais agentes assumiram na constituição de nossa cidade. No entanto, avulta-se a forma sintética como são retratados na dinâmica da mostra “Nossas Raízes.”

---

<sup>3</sup> LARA, S. H. História, Memória e Museu. **Revista do Arquivo Municipal**, São Paulo, v. 200, p. 99-111, 1991.

A fim de fundamentar a pesquisa para além do aspecto teórico, foi necessária a inclusão de relatos orais, que foram utilizados com o objetivo de ampliar o leque de fontes, bem como para ressaltar que função social o museu está exercendo na memória coletiva. Por outro lado, os relatos orais mostraram-se excelente suporte instrumental no resgate do papel exercido pela memória proposta pelo Museu Municipal de Uberlândia.

Cabe informar que a presença das fontes orais nesse trabalho é decorrente de um trabalho de campo inicialmente motivado por um trabalho da disciplina “Seminário de Práticas Educativas”, momento em que o Museu Municipal de Uberlândia foi o objeto de análise. Juntamente com as entrevistas e relatos desse trabalho, com a posterior escolha do tema para a monografia foram colhidos outros testemunhos, tendo-se o objetivo de aprofundar as reflexões.

Segundo Moniot,

Denominemos tradição oral tudo aquilo que é transmitido pela boca e pela memória. Esse pode ser um saber difuso em cada sociedade, transmitido mais ou menos amplamente pela educação e em favor das circunstâncias práticas da vida... Tais dados podem ser colhidos por meio de entrevistas, ou a partir de uma coabitação durável, ou por questionários elaborados aplicados extensiva ou intensivamente, exaustivamente ou não<sup>4</sup>.

Considerando o intuito de construir uma argumentação em torno da representação existente na exposição nossas raízes, a metodologia utilizada na investigação consistiu em nesse entrelaçar as fontes visuais com os relatos orais. No primeiro capítulo preocupamos em situar o aspecto visual da exposição. Sendo assim, por meio do uso de imagens e das fontes escritas oficiais, delineou-se a noção de progresso existente na consolidação de uma história oficial politicamente engajada nos interesses das elites locais.

Por outro lado, mesmo sofrendo pressões e determinações mais rigorosas que um material escrito, as fontes orais foram utilizadas como forma de estabelecer uma análise cruzada entre os relatos orais, as fontes escritas e o uso da imagem. O capítulo representa um esforço pessoal no campo da exaustiva coleta de fontes orais e sua posterior decodificação à luz da representatividade destas na exposição nossas raízes.

---

<sup>4</sup> MONIOT, Henri. A história dos povos sem história. In LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. **História: Novos Problemas**, Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1979, p.102

Conforme Porteli, quando diz que “a importância do testemunho oral [reside] não em sua aderência ao fato, mas de preferência em seu afastamento dele, como imaginação, simbolismo e desejo de emergir”<sup>5</sup>, é possível a compreensão de que o uso de fontes orais na pesquisa de campo insere um novo horizonte metodológico, pautado na riqueza de subjetividades e da riqueza de aspectos éticos e morais. Por outro lado, ao deparar com as fontes escritas, o historiador lida com fatos fixados em determinado contexto temporal.

As fontes orais propiciam, nesse sentido, o contato com um passado em constante movimento, que viabiliza uma nova interpretação do fato na medida em que o entrevistado expressa suas idéias dando novo significado a elas, de acordo com o momento presente. No entanto, trabalhar com fontes orais, nessa investigação, não foi uma tarefa fácil. Em primeiro lugar, resalto a dificuldade de encontrar pessoas dispostas a falar sobre a exposição, ao tempo em que a própria tarefa de transcrever os testemunhos orais que foram gravados por meio audiovisual.

A parte da transcrição das falas exigiu muita paciência e sensibilidade para captar o que realmente seria essencial para o direcionamento da discussão em torno da exposição nossas raízes, embora o recurso audiovisual tenha possibilitado, de certa maneira, uma compreensão mais apurada que a simples entrevista gravada por meio do gravador de voz possibilitaria. As expressões corporais dos entrevistados, juntamente com suas respectivas falas criam um ambiente favorável para uma interpretação não somente pautada na transcrição, mas também nas próprias expressões que cada entrevistado apresentou diante do que foi perguntado.

As entrevistas não seguiram critérios de amostragem, foram feitas de modo a obedecer uma dinâmica em acordo com a demanda de visitantes que entravam ou passavam próximo ao museu municipal. Não foram priorizados, nesta pesquisa, os critérios faixa etária, gênero, classe social, sendo entrevistados desde alunos que conhecem o museu pela primeira vez, até adultos que passam aleatoriamente pela praça Clarimundo Carneiro, bem como professores e funcionários do museu.

Mesmo com os obstáculos encontrados na pesquisa oral – seja em relação à resistência de alguns, que se recusaram a dar entrevistas – seja pela ausência de um critério mais rigoroso na elaboração dos questionários, os relatos colhidos em campo

---

<sup>5</sup> ALESSANDRO, Porteli. **O que faz a história oral diferente**. Trad. Maria Therezinha Janine Ribeiro. São Paulo: CEDIC-PUC/SP, 1995. Mimeo.

foram de grande relevância para esse trabalho, uma vez que expressarem tanto a experiência daqueles que já trabalharam no museu, quanto depoimentos “inocentes” de alunos do ensino fundamental que visitavam o museu pela primeira vez.

Entrelaçando os relatos orais com o suporte teórico que norteou a linha de pesquisa adotada, fica evidente que o fio condutor que permeia o discurso na exposição “Nossas Raízes” está centrado na figura do progresso, na medida em que os quatro momentos distintos que vão constituir essa linha evolutiva contribuem para reforçar uma memória voltada para o engrandecimento dos grandes líderes locais em detrimento da participação de negros, índios e demais trabalhadores pobres na consolidação de uma história local.

Os grandes personagens, nesse sentido, servem como suporte para a constituição desse ideário progressista, ao passo que índios e negros tornam-se meros coadjuvantes na construção da memória em torno da criação e fundação da cidade de Uberlândia. Ao eleger para análise os marcos da periodização imposta pela memória presente na mostra “Nossas Raízes”, pretendo identificar o discurso presente nessa exposição com o objetivo de caracterizar o projeto de determinada elite no sentido de construir uma memória coletiva, evidenciando ao mesmo tempo os agentes sociais silenciados nesse processo de constituição de uma memória hegemônica local.

A fim de estabelecer uma organização no decorrer da argumentação, propus uma breve síntese acerca da criação do Museu Municipal de Uberlândia, reservada ao primeiro capítulo. No entanto, ao conduzir a argumentação que permeia a discussão central do trabalho, foi dada uma maior ênfase à periodização presente na exposição.

A partir desse recorte, tendo como preocupação central discutir e problematizar essa exposição, no segundo capítulo será identificado de forma sistemática o papel da exposição na construção de um ideário progressista.

Este trabalho, apresenta-se como inspiração teórica não somente restrita ao sentido de investigar a história dos trabalhadores, mas, também por pensar a organização dos homens e mulheres comuns que vivenciam relações de exploração, submissão e resistência, posto agentes sociais em que se constituem.

Faço uma breve menção às palavras da saudosa Déa Fenelon ao afirmar que:

Tanto entusiasmo para falar de Thompsom é outro ponto que quero deixar registrado”. Por buscar sua inspiração e orientação claro está que nunca busquei

apenas ‘novos modelos’ – como as vezes se imagina ou se diz-, mesmo porque, se a inspiração vem daí, o impulso é quebrar ortodoxias, e de aprender a construir as categorias, é explorar as experiências vivenciadas [...] <sup>6</sup>.

Nesse mesmo sentido, tomamos a proposta de Thompson inspira-nos a pensar a história levando em conta a experiência humana das classes oprimidas, percebendo os negros, índios e demais trabalhadores pobres como agentes sociais não privilegiados pela memória oficial, como protagonistas das argumentações e problematizações presentes nesse trabalho.

---

<sup>6</sup> FENELON, Déa Ribeiro. “E. P.Thompson - História e Política” in: **Revista Projeto História**, n. 12, PUC, São Paulo, 1995, p.77-78

## **CAPÍTULO 1**

### **AS “RAÍZES” DE UMA MEMÓRIA SELETIVA**

#### **1.1 A exposição “Nossas Raízes” e as intencionalidades dos “Lugares da memória”**

Também conhecido como o “Palácio dos Leões”, o Museu Municipal de Uberlândia foi tombado como Patrimônio Histórico Municipal por meio da lei 4209, de 05 de setembro de 1985. Por se tratar-se de uma instituição preservadora de memória, vale ressaltar que o museu tem sob sua guarda um número aproximado de 1500 peças, em sua maioria, de uso cotidiano e de âmbito doméstico, por meio das quais a instituição divulga os processos vivificados por nossos antepassados.

A lei de criação da Instituição Museu em Uberlândia data de 1965, porém sua concretização só se deu após 1984, ano de criação da Secretaria Municipal de Cultura, que, por sua vez, possibilitou a elaboração da lei que autorizou a aquisição do acervo para o museu. O ano de 1985 foi bastante significativo para a consolidação deste, uma vez que foi designado para a sua sede definitiva o antigo prédio denominado Palácio dos Leões, onde funcionava a sede da Câmara Municipal de Uberlândia.

Com localização privilegiada no centro de Uberlândia, mais precisamente na Praça Clarimundo Carneiro s/nº, o Museu Municipal de Uberlândia iniciou seu funcionamento nessa nova sede no dia 6 de janeiro de 1999 com a Mostra denominada “Objetos e Concepções e História”. Desde o início do funcionamento, até a presente data aconteceram algumas exposições temporárias, dentre as quais uma denominada “Paramentos Litúrgicos”, que se configurou num intercâmbio entre o Museu Municipal de Uberlândia e o Museu de Arte Sacra de Uberaba.

Em seguida o museu apresentou a exposição “Camões: a poética do descobrimento,”, “Desenhos de Observação”. Na exposição foram expostos os resultados de um curso de desenho de observação ministrado na Oficina Cultural, em que foram utilizadas peças do acervo do Museu. A Mostra “Reflexos e Manifestações de um Patrimônio Cultural” veio a seguir e nela o artista plástico Hélyio Lima expôs quadros em que aparecem de formas variadas, o Coreto, o Prédio, além de algumas peças do Museu.

Por meio da documentação pesquisada junto ao Museu Municipal tivemos a oportunidade de tomar conhecimento do primeiro projeto que daria forma e visibilidade à exposição Nossas Raízes. A partir desse material pudemos vislumbrar todo um horizonte de pesquisa, privilegiando, em um primeiro momento, as fontes escritas – documentos oficiais da época e os registros dos jornais que noticiavam o evento.

Tomando como base no projeto<sup>7</sup> que daria origem à exposição Nossas Raízes, é preciso que se façam algumas considerações com o objetivo de situar no tempo os objetivos dessa exposição. Em primeiro lugar, ressalto a importância de associar ao projeto os órgãos promotores, bem como o patrocinador da exposição. A prefeitura de Uberlândia, juntamente com a Secretaria Municipal de Cultura e a Divisão de Memória e Patrimônio Histórico seriam os órgãos promotores, ao passo que o Grupo VITAE<sup>8</sup>, seria a entidade que entraria com os recursos financeiros para viabilizar a exposição.

Conforme consta no projeto:

O Museu Municipal de Uberlândia está passando por algumas transformações, que abrangem tanto sua estrutura física, quanto seu projeto conceitual. Estruturalmente, estará recebendo o prédio de exposições definitivo de sua sede própria, que está em fase final de restauração, enquanto um novo projeto conceitual, que vem sendo construído a fim de agregar os valores da nova museologia, o vem transformando num espaço dinâmico e disseminador da cultura local<sup>9</sup>.

Deduz-se, com isso, a intenção de se estabelecer uma ruptura com uma antiga concepção de museu. Amplia-se essa noção para uma concepção mais dinâmica e abrangente.

A justificativa inicial do projeto estava centrada na reestruturação de um projeto conceitual e museológico dessa instituição, que de “Museu de Ofícios” passaria a ser qualificada como o “Museu Histórico de Uberlândia”, assim possibilitando o novo acervo existente, um maior alcance e amplitude. Ainda de acordo com o projeto:

A partir desta avaliação propomos para a primeira Mostra Museográfica de longa duração (cinco anos) do Museu Municipal, uma exposição temática e de recomposição cenográfica que venha retratar a trajetória da antiga Uberabinha,

---

<sup>7</sup> Projeto intitulado “Desde os Bandeirantes na região... ao Município de São Pedro do Uberabinha”. Secretaria Municipal de Cultura, Uberlândia-MG, 1999.

<sup>8</sup> A fundação VITAE, sediada em São Paulo, foi o patrocinador inicial. É organismo da Fundação Lampardia de Liechtenstein, na Europa Central. Investem na área da educação, cultura e promoção social. Atualmente a fundação não é mais patrocinador do Museu Municipal.

<sup>9</sup> Projeto “Desde os Bandeirantes na região... ao Município de São Pedro do Uberabinha”, op. cit.

no período que compreende a ocupação da região no início do século XIX até a primeira década do século XX, mais precisamente até o ano de 1908<sup>10</sup>.

Entre os objetivos proposto no projeto inicial, destaca-se como o Museu propiciaria uma interação entre essa instituição e a rede escolar, possibilitando aos alunos vivenciarem parte da herança sócio-cultural local. Por outro lado, destaca-se ainda, possibilitaria aos visitantes, sejam turistas ou moradores locais, o conhecimento da história da cidade, a percepção das mudanças de hábitos e costumes ocorridos em nossa sociedade no decorrer do tempo.

A participação ativa do Grupo VITAE como patrocinador é fundamental nesse processo de consolidação da Exposição Nossas Raízes, já que o Museu ganhou subvenção do grupo por meio de licitação pública. O museu angariou aproximadamente cinquenta mil reais para concluir o projeto que daria forma a essa exposição por meio de publicação, aquisição de peças e montagem das salas.

Desde a elaboração do projeto pela Secretaria Municipal de Cultura, fica nítida a preocupação de dar uma visibilidade maior ao Museu, seja pelo aspecto externo ou pela organização das peças que iriam fazer parte dessa exposição. O apelo visual é explorado não somente pelos painéis que evidenciam a exposição em seu aspecto externo, mas também pela própria programação visual da sala de entrada e de todas as salas que fazem parte da exposição. A foto a seguir ilustra muito bem a preocupação visual com a fachada frontal do Museu Municipal: os painéis são de ampla dimensão e de fácil visualização por aqueles que passam pela Praça Clarimundo Carneiro.

---

<sup>10</sup> Idem.



Figura 1 – Fachada frontal do Museu Municipal de Uberlândia

Fonte: Renato José Pereira, acervo pessoal, 2009.

Dessa forma, finalizados todos os serviços referentes à montagem da Exposição do projeto Nossas Raízes, a mostra foi inaugurada no dia 23 de agosto de 2000, em um evento aberto ao público e que recebeu ampla cobertura da imprensa televisiva e impressa local, bem como da própria Prefeitura Municipal. De acordo com o jornal do Triângulo,

Propondo ao público uma viagem pelo tempo com um roteiro que retrata a história do nascimento de Uberlândia, foi aberta pela Secretária Municipal de Cultura Terezinha Magalhães, na galeria do Museu Municipal, a exposição Nossas Raízes. Destaque para os novos temas desenvolvidos, que vão contar a história, desde os primórdios até o período de 1998, onde o cotidiano, o fazer e o sentir dos homens daquela época foram ressaltados e trabalhados... (...)”<sup>11</sup>.

Para o jornal O Correio, têm-se:

<sup>11</sup> MARTINELLI, Sérgio. Museu Municipal. **Jornal O Triângulo**, Uberlândia, 30 ago. 2000. Cidade, p.10.

Uma viagem ao passado no vilarejo de São Pedro do Uberabinha. A História na cidade entre o final do século 19 até a consolidação da cidade em 1908. (...) A exposição foi dividida em seis salas. Cada ambiente lembra uma determinada época. Segundo a Diretora da Divisão e Patrimônio Histórico, Vânia Rende Candelot, o critério usado para a divisão das salas foi de acordo com a importância dos momentos retratados. (...) A diretora lembra que o objetivo da exposição é resgatar a memória da cidade. “Estamos tentando mostrar com isso que sem o passado, Uberlândia não existiria hoje. “Outro fator importante é de lembrar que nesse momento nós estamos construindo o futuro.” Vânia ainda contou que essa exposição está no projeto de formulação do museu, enviado para a Secretaria de cultura em 1996. “Esse projeto ia trabalhar a história de Uberlândia a partir do cotidiano das pessoas. Com isso, passamos a conceber as exposições através de cenografia que retratasse o período que estivesse falando naquele momento<sup>12</sup>.

Assim, o projeto Nossas Raízes inaugurava uma nova etapa, colocando em evidência um retrato da formação de Uberlândia no período de ocupação da região, do início do século XIX até o ano de 1908. A priori, a exposição teria um tempo determinado de cinco anos, conforme estabelecido no projeto inicial, no entanto permanece até os dias atuais, sendo freqüentada pelo público em geral e pela rede de ensino por meio de visitas monitoradas por profissionais efetivos da prefeitura Municipal de Uberlândia.

O discurso das autoridades locais no projeto engrandecia o museu, apresentando-o como instrumento para ensinar os jovens, formando nestes a compreensão do processo de formação do município de Uberlândia. Na revista de divulgação da exposição Nossas Raízes<sup>13</sup>, o então prefeito Virgílio Galassi assim pronuncia: “O **Projeto Nossas Raízes**, como está expresso: ‘Sua história começa aqui...’ é uma exposição de recomposição cenográfica que reflete a trajetória da construção da cidade”. Aparentemente, o discurso oficial entende que a história de Uberlândia terá como marco inicial a consolidação do projeto que envolve a criação da exposição, norteador, nesse sentido, um projeto que consolida uma dada memória, o que pode ser verificada na afirmação da Secretária Municipal de Cultura:

Orgulhar de participar de nossa memória talvez seja a forma mais simples de reinventar e reconstruir nossa identidade. Que nos reconheçamos e nos identifiquemos no traçado da “amarelinha”, que fará da nossa vida um jogo de

<sup>12</sup> KLARISSA, Ana. As raízes de Uberlândia. **Jornal O Correio**. Uberlândia, 27 ago. 2000, Cultura, p. C-1.

<sup>13</sup> A revista de publicação da exposição Nossas Raízes, publicada em 2000 pelo Museu Municipal de Uberlândia sob a Secretária Municipal de Cultura.

crianças. Por que a criança não se limita ao tempo. Por que a criança faz o seu caminho com a pureza de sentimento de quem não teme, seja o que for, de onde vier, quando vier<sup>14</sup>.

Antes de adentrar no universo que compõe a mostra Nossas Raízes, cabe a referência a uma fotografia cedida pelo próprio Museu, que caracteriza de forma sintética o pensamento daqueles que idealizaram o projeto. A partir dessa imagem podemos perceber a nítida preocupação em construir uma noção de tempo para aqueles que não se dão conta do processo histórico em que estamos inseridos. Nesse sentido, passado, presente e futuro expressam uma continuidade que valoriza o momento presente e objetiva um futuro próspero, segundo a ótica presente na fotografia.

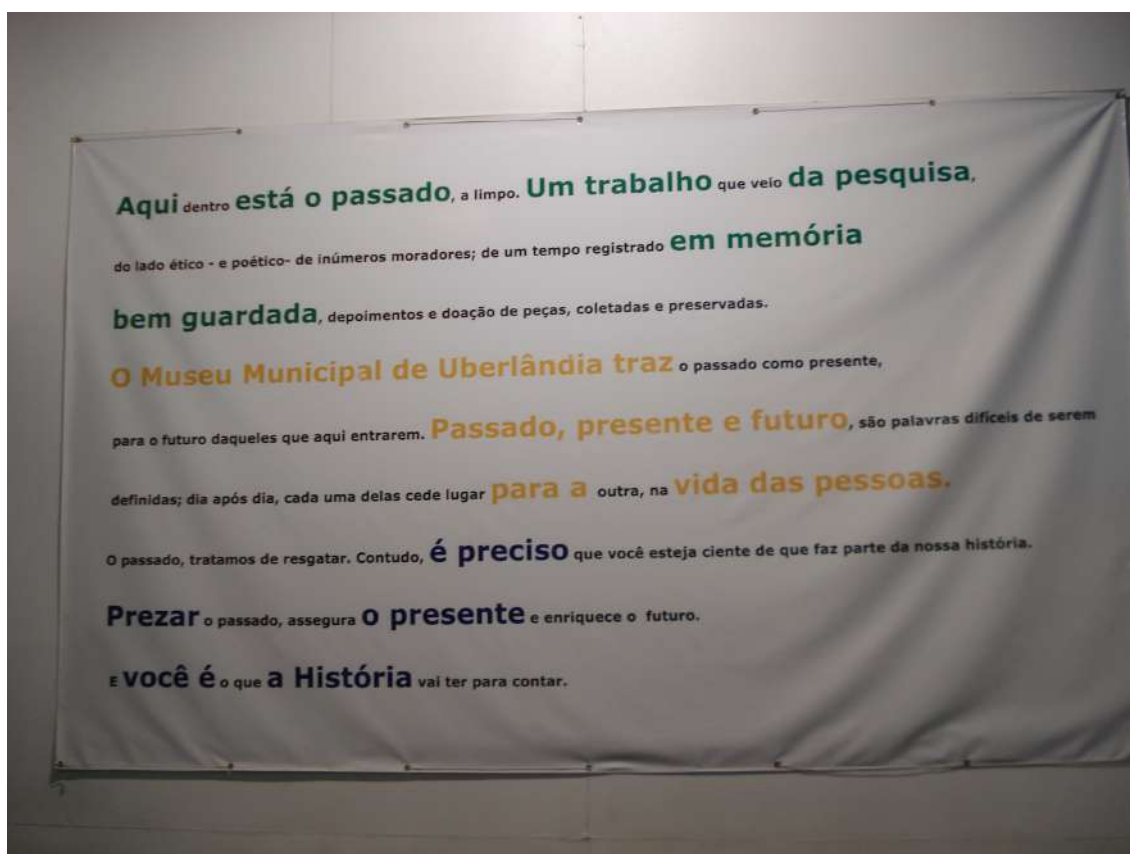


Figura 2 – Parte interna do Museu Municipal de Uberlândia.

Fonte: Acervo fotográfico do Museu, 2009.

<sup>14</sup> O trecho é retirado da revista de publicação da exposição Nossas Raízes, publicada em 2000 pelo Museu Municipal de Uberlândia. Na ocasião o trecho é atribuído a Terezinha Aparecida Magalhães de Lima, Secretária Municipal de Cultura.

A frase de impacto que domina o painel “*Aqui dentro está o passado, a limpo*”, chama a atenção por tratar-se de uma referência direta a uma suposta história passada a limpo. Essa frase é um dos elementos-chave que impulsionaram essa pesquisa, que propõe o objetivo de entender e problematizar que memória é essa que está sendo divulgada na exposição. Nessa mesma direção, a expressão “em *memória bem guardada*”, também constante no painel, aponta para a preocupação de fazer-se uma memória seletiva, marcada pelas subjetividades daqueles que cederam suas peças e dos responsáveis pelo evento, cristaliza-se a trajetória de formação do povo e da cidade de Uberlândia.

Além do aspecto já mencionado, de que o Museu Municipal ocupa uma posição privilegiada e no centro da cidade de Uberlândia, cabe acrescentar que, no ano de 1995, outro feito significativo para sua valorização enquanto instituição se deu com a designação de sua sede definitiva no antigo prédio denominado palácio dos leões, tombado em 1985, onde funcionava a antiga sede da Câmara Municipal de Uberlândia. A essa localização e designação de sete junta-se a restauração e adaptação do prédio, inaugurando uma nova etapa no processo de consolidação do museu.

Sobre essas mudanças, o jornal “O Triângulo”, em seis junho de 1997, traz a seguinte reportagem:

O museu Municipal de Uberlândia passou por algumas transformações que abrangeram tanto a sua estrutura física, quanto seu projeto conceitual”. Estruturalmente recebeu o prédio de exposições definitivo de sua sede própria, inteiramente restaurado, enquanto um novo projeto conceitual, que vem sendo construído com a finalidade de agregar os valores da nova museologia, o vem transformando num espaço dinâmico e disseminador da cultura local. Com o propósito de alcançar esse objetivo, o projeto conceitual e museológico de instituição foi todo reestruturado: de “Museu de ofícios” passou para “Museu Histórico de Uberlândia”, que reflete com maior abrangência o acervo existente. O projeto “Desde os Bandeirantes na Região... ao município de São Pedro de Uberabinha” foi totalmente aprovado pela associação VITAE, que estará destinando uma verba no valor de R\$51.000,00(cinquenta e um mil reais) para o seu desenvolvimento a ser iniciado neste mês de junho de 1999. A VITAE é uma associação civil, sem fins lucrativos que apóia projetos – nas áreas de educação, cultura e promoção social. As ações da VITAE, na área da cultura, são dirigidas predominantemente para a preservação do patrimônio cultural brasileiro e valorização da criação artística. No que se refere a museus, a VITAE trabalha com um programa específico, visando a modernização deles e de suas infra-estruturas, ou seja, visa a melhoria das condições de segurança e da infra-estrutura das áreas de exposição e reserva técnica, informatização do

acervo e implantação de programas educacionais em museus históricos de artes e de ciências<sup>15</sup>.

O projeto de restauração e adaptação do prédio foi concebido pelos arquitetos Rodrigo Menicone, formado pela UFMG/BH e especializado em restauração de monumentos pela Università Degli Stude de Roma, e por Alessandro Rende. A inauguração do prédio restaurado aconteceu em dezembro de 1996. Em 1998, o projeto de restauração foi premiado em São Paulo na área de Patrimônio Histórico, na III bienal Internacional de Arquitetura.

De acordo com o projeto idealizado pelos arquitetos,

O edifício foi orientado conforme os pontos cardeais, o volume do prédio repousa sobre um embasamento retangular. As fachadas opostas são tratadas simetricamente, destacando-se as principais com portadas monumentais; em cada ângulo surgem dois pórticos com colunas coríntias que sustenta arcos e cúpulas inspiradas na arquitetura oriental. A divisão em níveis e o ritmo das aberturas e fechamentos segue as regras de modulação do Neoclássico, assim como o atíço que coroa o prédio e esconde o telhado. A simetria da composição prossegue no interior, com os ambientes dispostos ao longo do eixo norte-sul. Existe um contraste entre o tratamento mais trabalhado do exterior e a relativa sobriedade do interior. Com as sucessivas modificações, o prédio foi muito alterado, restando íntegras e originais apenas as fachadas e a volumetria e, no interior, esquadrias e trechos das antigas paredes<sup>16</sup>.

Com o novo destino do prédio, abrigou-se o Museu Histórico de Uberlândia, que contou com espaços especialmente projetados para exposições permanentes e temáticas temporárias, além de ambientes destinados à instalação de equipamentos de multimídia e vídeo, o que o dotou de divulgação e intercâmbio de conhecimento semelhantes ao que ocorre nos grandes centros urbanos. Dentro dessa nova concepção arquitetônica, preocupa-se em harmonizar e interligar o prédio com o anexo e a praça, além de articular vários ambientes, permitindo o acesso a portadores de deficiência física a todas as dependências do Museu<sup>17</sup>.

Tanto o projeto arquitetônico quanto o projeto conceitual da nova museologia objetivam consolidar uma nova temporalidade, voltada para a construção de memórias seletivas que buscam legitimar-se dentro dos parâmetros adotados. A História e a

---

<sup>15</sup> **Jornal O Triângulo**, Uberlândia, 06 jun. 1997. Cidades, p. A-3.

<sup>16</sup> Projeto intitulado “Desde os Bandeirantes na região... ao Município de São Pedro do Uberabinha”. Secretaria Municipal de Cultura, Uberlândia-MG, 1999..

<sup>17</sup> A acessibilidade do portador de deficiência física é facilitada por um elevador que garante acesso ao segundo piso do Museu Municipal.

memória, nesse sentido, possuem quase que a mesma função: a de glorificar, exaltar e selecionar a História a ser contada. Em outros termos, por trás do divulgado empenho oficial na preservação da memória local, esconde-se o interesse não anunciado de que as pessoas sejam condicionadas a tomar como sua história a memória escolhida por uma minoria de idealizadores.

## **1.2 Nas salas de exposição ,vozes ouvidas, vozes silenciadas**

Considerada uma mostra de longa duração, a exposição Nossas Raízes, um projeto executado pelo Museu Municipal de Uberlândia por meio da Secretaria de cultura, tem como base um alicerce conceitual voltado para o campo histórico, bem como ao âmbito antropológico. A exposição visa cobrir um período histórico que se estende desde primórdios distante, até o período de 1908, abrangendo temas como: infra-estrutura, moradia, atividades econômicas, transporte, convívio social, educação e meios de comunicação da época considerada.

A seguir, intenta-se caracterizar a dinâmica que envolve a exposição Nossas Raízes, trazendo à tona todos os elementos presentes nas quatro salas que compõem essa mostra.

## **1.3 “Bandeiras: Bandos de-vasta-ação”**

Com a denominação de “sob o domínio da bandeira”, a exposição tem início no primeiro piso do Museu Municipal. Nessa sala é apresentada uma variedade de objetos de origem nativa e rural (especialmente a fazenda). Na parede há um grande painel descrevendo o domínio das bandeiras, assim como muitas gravuras de colonizadores e nativos, sendo que esses últimos são descritos num contexto de guerra com outras tribos e em marcha junto àqueles caracterizados como os bravos desbravadores.

A figura central do bandeirante assume contornos que propõem ordenar uma sequência cronológica que gira em torno desse personagem, atribuindo-se aos demais agentes, negros e índios, um papel coadjuvante nessa perspectiva. A foto a seguir ilustra toda a preocupação de se construir uma ordenação em torno da figura do bandeirante. Uma sequência indicada por setas vermelhas direcionam todo o foco da sala no sentido de glorificar as conquistas dos bandeirantes.



Figura 2 – Sala dos Bandeirantes Imagem fotográfica

Fonte: Acervo do Museu Municipal, 2009.

Em meio ao painel e ao grande mapa de localização por onde passaram os colonizadores, há também um quadro intitulado “cotidiano fatigante”, que sintetiza a

forma como se deu o desbravamento por parte dos bandeirantes, na medida em que a coragem é ressaltada como o elemento que orquestrou essa iniciativa. A narrativa apresentada nesse quadro nos remete a uma história com contornos de romance e de cunho aventureiro na medida em que “os desbravadores” passavam por lugares perigosos, matas alagadas e, nessa narrativa, a estes é atribuída uma coragem e uma determinação que produz efeitos de sentido de predisposição para sobressair nas terras brasileiras.

Diferente das demais salas que constituem a exposição e que serão tratadas posteriormente, produz-se nesta, a partir da composição em que as flechas estão juntas às armas européias, a impressão de que há uma harmonia entre os nativos e os europeus na luta e desbravamento destes, abolindo-se qualquer noção de extermínio em relação os nativos nas incursões Brasil adentro.

Por meio desse discurso, também veiculado por um funcionário contratado pela prefeitura municipal, fica evidente a preocupação em repetir de forma incansável um discurso que vangloria o Bandeirante como protagonista na colonização brasileira, aliando a esse ideal romantizado a noção de expansão e desenvolvimento que caracterizam as bases do progresso. Pensar os primórdios da cidade de Uberlândia, nessa perspectiva, é colocar o Bandeirante como o elemento fundamental na constituição de um ideário progressista, ao passo que a dizimação ou exploração de índios e escravos torna-se irrelevante no contexto histórico visto dessa maneira.

Nos painéis dessa sala ainda ressalta-se a miscigenação das raças entre brancos, negros e índios, assim como o contexto de exploração e ocupação em terras brasileiras. No entanto é nítida a preponderância do bandeirante face aos demais agentes históricos que constituem esse período. Sua representatividade é fundamental nesse contexto de consolidação de uma memória voltada para justificar a hegemonia do progresso. Na ilustração três podemos perceber que o próprio desenho do Bandeirante é diferenciado dos demais, uma vez que a própria arte utilizada destaca sua figura, seja pelo tamanho que ocupa na tela, seja pelos contornos feitos a lápis que o evidenciam como precursor absoluto no processo de exploração e ocupação.

O trocadilho inicial que caracteriza o nome da sala, referindo aos bandeirantes como sendo *bandos de-vasta-ação* não consegue dar conta de toda a dimensão que o termo sugere. Se, por um lado, é valorizado o feito do bandeirante quando este expande

suas conquistas em terras brasileiras, por outro não se consegue dimensionar o termo no sentido de explicitar o impacto de sua devastação sobre os índios e escravos que aqui habitavam. Nesse propósito há um silenciamento dos conflitos entre colonizadores e colonizados, sendo os últimos representados como aliados no processo de consolidação e expansão européia.

O foco central desta sala centra-se no bandeirante como agente predominante da narrativa. Ocupando este posição de destaque, sobrepondo-se, assim, aos demais agentes. Nesse sentido, a memória enaltece a figura desbravadora do bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera, por meio de imagens e textos que destacam a sua ação sobre os indígenas da região.

Embora não haja uma citação da autoria de quem produziu o painel, é preciso estar atento para a intencionalidade desse testemunho histórico como fonte de análise documental. Por essa via é que, além dos documentos escritos que serviram de referência para a produção dessa monografia, a iconografia também se fez presente, numa tentativa de colocar os documentos visuais no campo na análise histórica.

Conforme salienta Borges, o pesquisador deve estar atento para a importância da análise da imagem enquanto produto da intencionalidade de quem a produz:

Vista sob essa ótica, ela deixa de ser espelho ou a duplicação do real, como queriam os historiadores da historiografia metódica. Apresenta-se como uma linguagem que não é nem verdadeira nem falsa. Seus discursos sinalizam lógicas diferenciadas de organização do pensamento, de ordenação dos espaços sociais e de medição dos tempos culturais. Constituem modos específicos de articular a tradição e modernidade. Por tudo isso, sabe-se que uma dada imagem é uma representação do mundo que varia de acordo com os códigos culturais de quem a produz<sup>18</sup>.

A pesquisa histórica, ao ter como fundamento a utilização de imagens na contextualização da produção do documento, pode ter em mãos uma ferramenta de grande valia para o historiador no horizonte da descoberta dos discursos presentes em tal documento. Indagar que lugar o seu produtor ocupa na estrutura social, a quem se dirige a mensagem e o que o autor pretende com essa ou aquela informação são elementos que funcionam como ponto de partida para a análise documental.

---

<sup>18</sup> BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & fotografia**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2005, p. 80.

Na contextualização está também presente um jogo de inclusão e exclusão, em que a escolha do autor não apenas constitui uma representação do real, mas também integra um sistema simbólico pautado por códigos oriundos da cultura que os produz.

Ao fazer uma análise iconográfica do documento exposto na primeira sala da exposição é preciso estar atento ao que Peter Burke<sup>19</sup> chama de “doutrinação”, uma vez que imagens têm sido utilizadas com frequência como um meio de doutrinar, servindo, assim, como meios a partir dos quais historiadores podem recuperar experiências passadas.

Percebendo o quadro na ótica da doutrinação, o colonizador assume um papel de apaziguador, uma figura imponente com traços face que constituem uma com ares de bondade que se sobrepõe sobre aos demais agentes. A representação presente nessa sala engrandece esse personagem tirando-lhe os contornos de violência e atrocidade, produzindo efeitos de sentido de, em certa medida, benevolência e convívio harmônico entre Bandeirante, negro e índio.

A intencionalidade e a subjetividade do autor presente nesse quadro integram uma trama histórica que percorre todo o museu. Os idealizadores se preocupam em situar os grandes líderes como formadores da história local, e instauram uma função específica de representar os demais agentes, negros e índios, como meros indivíduos sem mobilização social, em um contexto em que a espinha dorsal de todo esse processo é a noção de progresso.

A homogeneização dos excluídos é projetada na forma de uma passividade que permeia a relação entre o colonizador e o colonizado. Mesmo que haja a menção de que houve de fato a devastação por parte do bandeirante, não ficam explícitas as formas de resistência por parte daqueles que foram silenciados face ao projeto desenvolvimentista presente na exposição.

Os traços rústicos da ilustração que tem ao centro o bandeirante contrasta/contradiz imagens mais elaboradas de negros e índios, bem como possíveis combinações de cruzamentos entre as raças. É interessante notar que há uma intencionalidade na forma como é ilustrado o bandeirante, pois mesmo com a rusticidade dos traços, sua figura é enaltecida e glorificada, ao passo que representação pictórica de negros e índios, apesar de uma maior riqueza de detalhes, não é suficiente

---

<sup>19</sup> BURKE, Peter. **Testemunha ocular**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

para imprimir sentidos de participação e atividade no processo histórico em que estão inseridos esses personagens sujeitos. Para Peter Burke,

Essas diferenças tornam-se mais visíveis em imagens polêmicas, religiosas ou políticas, mas não há uma linha definida entre a caricatura polêmica e distorções inconscientes, uma vez que o caricaturista tanto apela para, quanto reforça, preconceitos existentes<sup>20</sup>.

A partir dessa perspectiva, a representação do bandeirante exposta nessa primeira sala pode ser melhor compreendida.

#### **1.4 “O fazedor e o fazendeiro, nas fazendas”**

Ao sairmos da sala dos bandeirantes, seguindo o percurso estabelecido pelo monitor, nos deparamos com sala “da fazenda”, onde o visitante (e o aluno) é levado a conhecer todos os objetos que utilizados nos ofícios dos trabalhadores e escravos. A valorização do trabalho fica bem evidente nesse contexto progressista, uma vez que a noção positiva do trabalho é passada de forma sutil, afim de constituir uma memória voltada para atender os interesses dos grandes proprietários de terras. As inúmeras peças que compõe esse cenário eram pertencentes ao acervo de Argemiro Costa, trabalhador do Funrural que, ao longo do tempo, vinha recebendo doações de peças e guardando-as em um cômodo do Mercado Municipal de cultura. Abaixo temos uma imagem das ferramentas expostas na sala.

---

<sup>20</sup> BURKE, Peter. op. cit., p.168.



Figura 3 – Sala da fazenda.

Fonte: Acervo do Museu Municipal, 2009.

Nessa sala há uma quantidade muito grande de peças que caracterizam o trabalho nas fazendas, tematizando as atividades do trabalhador rural, assim como é apresentada toda a indumentária que confere ao bandeirante status de precursor no desbravamento até o Sertão da Farinha Podre, as capitanias Hereditárias e a exploração e ocupação da região.

É representativa a noção de que a exposição enaltece a figura do Bandeirante. O próprio enunciado da exposição o caracteriza este como o *fazedor*, assim como destaca a importância dos fazendeiros no sentido de consolidar o trabalho escravo por meio dos instrumentos mostrados na figura anterior.

### 1.5 “Lembranças aquecidas do cozer... das cozinhas”

Nesse terceiro momento da exposição que faz parte da cronologia adotada pelos organizadores do Museu Municipal é retratado de forma original o ambiente da cozinha

típica mineira. Tem-se um espaço cenográfica que reproduz uma cozinha do início do século, também caracterizado na mostra como “O Espaço da Sociabilidade”.

Trata-se de um lugar singular, pois se refere apenas ao labor no local da cozinha: apresentam-se o fogão a lenha, as paredes feitas de barro, as panelas e demais utensílios que caracterizam esse cenário. Vale dizer que a cozinha é um modelo inspirado no modo de vida do escravo negro, de “pau a pique” e piso de “chão batido”, presente aqui e silenciado na primeira sala.



Figura 4: Sala “Lembranças aquecidas do cozer... das cozinhas”.

Fonte: Acervo Museu Municipal, 2009.

Esse ambiente demonstra toda a preocupação dos idealizadores do projeto em retratar nos mínimos detalhes a configuração de uma cozinha tradicional mineira, onde o fogão a lenha assume posição privilegiada na sala. A tradição da culinária e da variedade de peças que compõe esse cenário faz com que esse espaço seja valorizado em sua constituição como um ambiente de socialização.

Embora esse ambiente esteja vinculado a uma tradição que destina os afazeres domésticos à mulher, é preciso ressaltar que a representação contida nessa sala pouco

relata a participação das mulheres e seu papel na formação do município de Uberlândia. Dessa forma, em todos os quatro momentos da exposição não há uma menção direta quanto à participação feminina no momento de constituição da cidade de Uberlândia, reduzindo o papel da mulher como auxiliar nas tarefas domésticas, sem demonstrar a sua importância e representatividade enquanto agente histórico.

Peter Burke aponta que:

É um lugar comum da história das mulheres que – como a história da infância – frequentemente teve de ser escrita a contrapelo das fontes, especialmente das fontes de arquivo, criadas pelos homens e expressando interesses masculinos... (...) O silêncio dos documentos oficiais estimulou historiadores de mulheres a voltarem-se para imagens que representam atividades às quais as mulheres se dedicaram em diferentes lugares e épocas<sup>21</sup>.

Nesse sentido é que se configura o espaço da cozinha apresentado e se silencia o papel das mulheres por meio da vida cotidiana que emerge do “espaço da sociabilidade” apresentado.

## **1.6 “Uberabinha: Uberlândia em formação”**

O último cenário que compõe a exposição Nossas Raízes diz respeito a São Pedro do Uberabinha. A seu turno, na cronologia exposta, o cenário retrata uma maquete dos primórdios da cidade de Uberlândia, demonstrando o nascimento do Arraial de Nossa Senhora do Carmo de São Sebastião da Barra de São Pedro de Uberabinha até 1908.

A maquete sinaliza o caráter do empreendedorismo e do crescimento constante da cidade de Uberlândia. É apresentado um pequeno vilarejo que se forma ao redor de uma igreja pequena. A maquete, sob esse aspecto, vem de encontro com a necessidade de representar a cidade em pleno desenvolvimento - desde a fundação da cidade, são lançadas as bases de uma representação voltada para um crescimento contínuo e acelerado.

---

<sup>21</sup> BURKE, Peter. **Testemunha ocular**. Bauru, SP: EDUSC, 2004, p.133.

Sabendo que esse pequeno vilarejo hoje é uma das maiores cidades de Minas Gerais, ao contemplar essa sala o visitante certamente é levado a fazer comparações. Entretanto, possíveis surpresas podem ser dissipadas ante o discurso ostentado pelos organizadores da mostra, que fundamentam a idéia de progresso em fluxo contínuo, fator estimulante do crescimento acelerado da cidade de Uberlândia. Não é de forma inocente que essa maquete foi colocada no fim da exposição, ela assume uma posição estratégica na medida em que os bandeirantes são postos como os precursores de toda essa cronologia e passa-se pela hegemonia dos grandes fazendeiros que iniciam o processo de povoamento de São Pedro do Uberabinha.

Essa cronologia foi ordenada de forma a obedecer uma dinâmica em que poucos autores são evidenciados a partir da concepção histórica que se instaura, ao passo que os mesmos coadunam com o propósito maior – manter a hegemonia de pequenos grupos locais com forte interesse político e ideológico.

Não é possível pensar que a idealização da exposição não esteja impregnada de uma intencionalidade e de uma racionalidade elaborada por seus idealizadores quando o circuito de acontecimentos guiados pela organização sugere uma harmonia presente entre os diversos sujeitos sociais que compõe a trama do “desenvolvimento”, ainda mais quando a hegemonia é relativa apenas aos grandes fazendeiros e grandes nomes da política local.

Em contrasenso a essa história oficial, é preciso pensar para além das categorias estanques priorizadas pela exposição *Nossas Raízes*, redimensionando novas possibilidades de interpretação da história, não somente vinculadas à categoria do poder enquanto legitimador dessa realidade. Outras possibilidades – tais como ampliar as fontes, interpretar o documento fotográfico e fazer uso de fontes orais – podem servir de instrumental para um outro olhar, inscrito em outra perspectiva social histórica.



Figura 5 – Sala da maquete de São Pedro de Uberabinha, Uberlândia em formação.

Fonte: arquivo Museu Municipal, 2009.

## **CAPÍTULO 2**

### **UBERLÂNDIA PROGRESSISTA: O PAPEL DA EXPOSIÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE UMA IMAGEM SOBRE A CIDADE**

#### **2.1 A parceria entre o Público e o Privado e seus significados sociais e políticos**

Ao tematizar para discussão o Museu Municipal de Uberlândia, tomando-o como objeto de pesquisa, torna-se necessário situá-lo numa dimensão temporal na qual o tempo presente é o ponto de partida de uma orientação para o futuro. A perspectiva de transformação, nesse sentido, leva-nos a conhecer a mostra *Nossas Raízes* dentro num horizonte que possibilite propor um desafio para o historiador, tal como afirma Déa Fenelon:

O desafio de relacionar-se politicamente com o tempo presente impõe-nos o enfrentamento desse debate histórico, dentro e fora da academia, e a necessidade de empreendemos, com nossas análises e com a nossa prática, a inversão da relação passado/presente<sup>22</sup>.

A preocupação de atribuir uma relação entre passado com o presente, de forma a contemplar a historicidade dos acontecimentos que envolvem o processo histórico, contribui para que o passado não seja visto como algo isolado das demais temporalidades. A articulação dos tempos históricos possibilita vislumbrar uma perspectiva crítica em relação aos discursos hegemônicos que cristalizam determinados conceitos históricos, buscando legitimar ações específicas.

Por isso mesmo a exposição *Nossas Raízes*, inserida dentro do contexto de consolidação do museu municipal de Uberlândia, deve ser vista como um terreno apropriado para analisar o comportamento de setores dominantes locais, lugar privilegiado para se discutir a memória e as representações. Nesse sentido, Le Goff e

---

<sup>22</sup> FENELON, Déa Ribeiro; CRUZ, Heloisa Faria. PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. Introdução. In: **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olhos d'Água, 2004, p-12.

Nora <sup>23</sup> nos fornecem elementos para uma análise de uma memória coletiva que está presente em vários lugares, tais como os arquivos, bibliotecas e os museus, assim como os lugares funcionais como os manuais, autobiografias, lugares estes que constituem memoriais que tem sua própria história.

Obviamente, essas recordações presentes nos lugares da memória não representam a história propriamente dita. Ao analisar a exposição Nossas Raízes, foi possível buscar diversas outras fontes que possibilitaram vislumbrar outros horizontes de abordagem acerca dos mesmos temas. Com isso, ficou claro que a memória privilegiada nessa exposição foi selecionada de acordo com os interesses daqueles que faziam da noção de progresso o eixo principal para a consolidação do ideário desenvolvimentista.

Ao mesmo tempo em que confirma ou enfatiza alguns fatos, por outro esquece outros de grande valia. Nesse sentido, a memória seletiva contribui para o que Pierre Nora chama de *esquecimento*, estando este a serviço do poder, e silenciando fatos e personagens que o grupo dominante quer manter à margem do processo histórico. Por isso mesmo, os responsáveis pela exposição, ao mesmo tempo em que confirmam ou enfatizam alguns fatos, por outro lado, esquecem ou omitem outros tantos.

Neste caso, o discurso do poder público contou com aliados sintonizados com a ótica do progresso, e isso se deu por meio de investimentos da fundação Vitae e outras “contribuições” da iniciativa privada. Isso pode ser melhor ilustrado pelo recorte de jornal da época, disponível na exposição.

---

<sup>23</sup>MONIOT, Henri. A história dos povos sem história. In LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. **História: Novos Problemas**, Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1979, p.102.

# Iniciativa privada garante a pintura do Palácio dos Leões

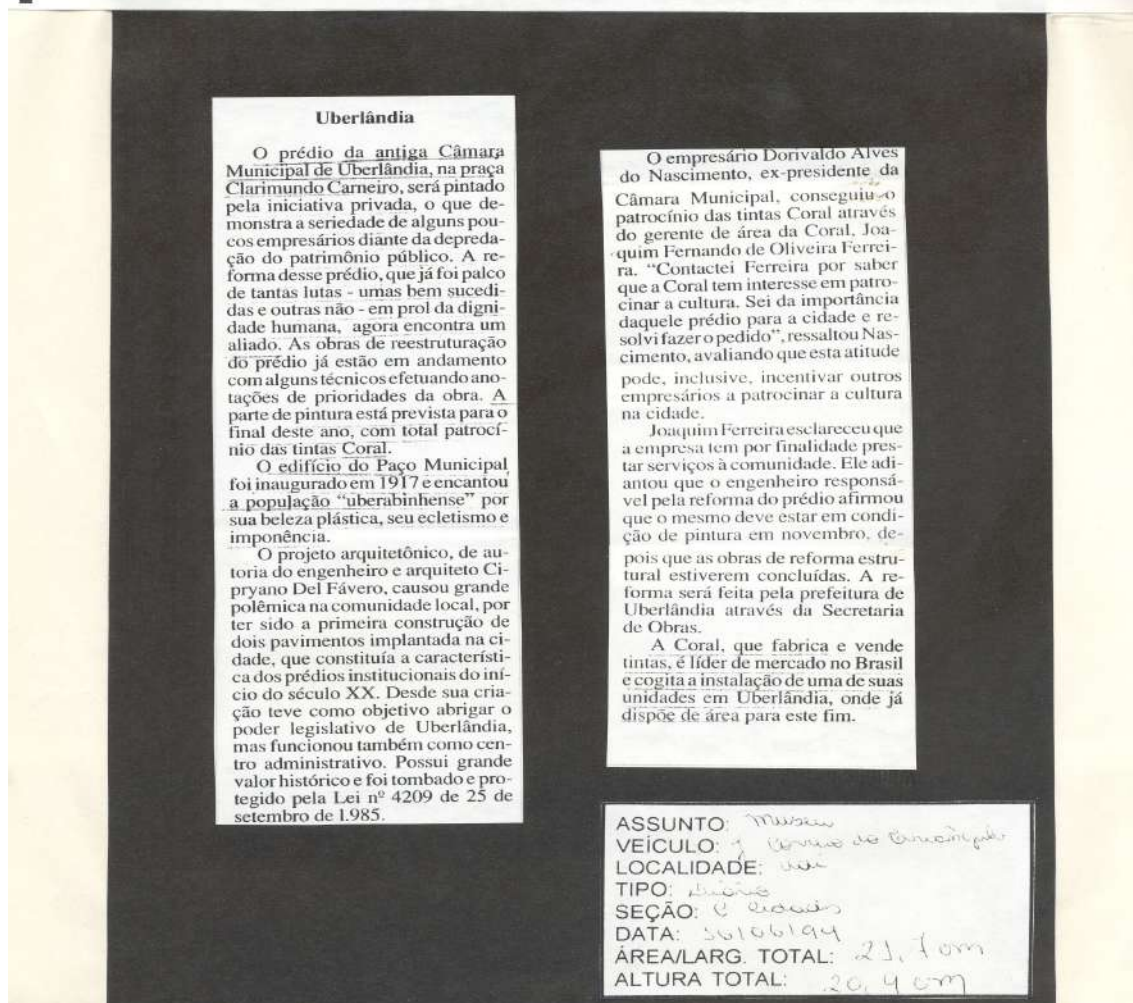


Figura 6- Recorte jornalístico

Fonte: <http://www.uberlandia.mg.gov.br>. Acesso em: 20 nov. 2009.

Como pode ser notado, a manchete do diário do Triângulo engrandece a participação da empresa Tintas Coral, considerando-a uma forte aliada na restauração e patrocínio da pintura do novo museu municipal de Uberlândia. A iniciativa privada, nesse sentido, vem ao encontro do projeto nossas Raízes, na medida em que atribui ao museu importância fundamental como guardião da memória. Por meio do documento fica evidente que o museu teria sido palco de disputas, bem sucedidas ou não, e que agora a iniciativa privada seria o agente patrocinador dessa restauração.

A participação da iniciativa privada, nesse contexto, deve ser analisada dentro de uma disputa política que envolve os mandatos dos prefeitos que assumiram a administração local no período na década de 1980 até fins da década de 1990, com a instauração da sede definitiva do museu municipal de Uberlândia. Nesse sentido, a monografia de Wilma Ferreira de Jesus<sup>24</sup> é de grande importância para entender as disputas políticas e as movimentações em torno das forças conservadoras, tendo como expoente maior, de um lado o falecido prefeito Virgílio Galassi e, de outro lado, os partidos de oposição, representados pela administração Zaire Rezende.

A disputa entre esses dois expoentes políticos que se revezaram na administração da prefeitura municipal pode ser melhor entendida na fala de Wilma Ferreira de Jesus:

Em 1982, o candidato Zaire Rezende foi eleito prefeito. Sua gestão que se estendeu de 1983 a 1988, inaugurou uma nova forma de administrar a cidade. Seu governo, apesar de apresentar vários problemas, de diferenciou dos anteriores por apresentar-se mais aberto à participação popular e voltado para atender preferencialmente as questões sociais. Mesmo assim em 1988, Virgílio Galassi foi eleito prefeito pela terceira vez. Porém, apesar de seu governo ter investido na construção de grandes viadutos, grandes avenidas e outras obras imponentes que, na sua concepção, faziam jus à cidade de Uberlândia, muito do que foi iniciado no governo Zaire como creches, postos de saúde, atividades culturais, investimentos em saneamento básico, asfaltamento dos bairros, administração dos distritos e outros não forma interrompidos. Pelo contrário, foram ampliados<sup>25</sup>.

A parceria entre iniciativa privada e o poder público reforça ainda mais a idéia de progresso, como afirma Fontana:

É necessário arrancar a época desta “continuidade coisificada” e fazer explodir a homogeneidade, enchendo-a de ruínas, isto é com o presente”. Poderemos, assim, superar a idéia de progresso pela de “atualização” e aprender a nos aproximar do que aconteceu, tratado-o não de maneira historiográfica, mas de maneira política, com categorias políticas<sup>26</sup>.

Visando entender o período que antecede a criação do museu municipal em sua nova sede, ainda que não seja prioridade nesse trabalho discutir em demasia o confronto político entre os prefeitos que administraram a cidade de Uberlândia, cabe o registro das discussões que objetivaram a consolidação desse projeto desenvolvimentista,

<sup>24</sup> JESUS, W. F. **Poder Político em Uberlândia - Mudanças e Permanências - 1982-1996**. 77 f. Monografia (Curso de História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 1999.

<sup>25</sup> Op. cit., p. 3.

<sup>26</sup> FONTANA, Josep. **História dos Homens**. São Paulo: Edusc, 2006., p 477.

engendrado dentro uma dinâmica em que há valorização de governos por meio de obras de grande porte com caráter monumental, e dentre elas se posta a reestruturação e reforma da antiga sede da câmara municipal e instauração de sua futura função como Museu Municipal de Uberlândia, inaugurado no ano de 2000.

O aspecto desenvolvimentista salientado por Wilma Ferreira de Jesus nos dá a dimensão de como foi necessário investir na elaboração de um aparato ideológico, para o qual a cidade está predestinada desde os seus primórdios, com o objetivo de buscar, por meio dos setores políticos conservadores ou de oposição, o progresso e a modernidade.

De acordo com Jesus (1999, p. 73) “*para se chegar a este fim foi necessário também a construir a imagem do cidadão ordeiro e trabalhador*”. A autora informa ainda que isso ocorreu, desde os primórdios, sob a hegemonia de pequenos grupos que visam à manutenção de seus privilégios por meio da dominação.

Ainda seguindo essa mesma linha, a autora conclui que é preciso problematizar as continuidades e as rupturas dentro do emaranhado político em Uberlândia, na medida em que:

A manutenção desse status quo, faz-se necessário discutir algumas questões extremamente inquietantes: como o papel da imprensa na formação de uma opinião pública favorável e a permanência dos setores dominantes no poder; a influência exercida pelo Poder legislativo nas ações do Poder executivo e vice-versa; o papel que os setores progressistas incluindo aí os movimentos organizados têm cumprido no sentido de provocar rupturas ou, ainda que involuntariamente, colaborando para a manutenção da própria estrutura de poder que tanto combatem<sup>27</sup>

O papel dos veículos de comunicação na consolidação do ideário progressista ficou evidente neste trabalho na medida em que o Museu é anunciado como espaço privilegiado da memória, e não rompe ou contesta esse ideal ou manifesta formas de resistência a essa história pronta e acabada presente na exposição nossas raízes.

Ainda no que diz respeito à noção de progresso existente no percurso historiográfico adotado pelos idealizadores do Museu Municipal de Uberlândia, faço

---

<sup>27</sup> JESUS, W. F. **Poder Político em Uberlândia - Mudanças e Permanências - 1982-1996**. 77 f. Monografia (Curso de História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 1999. p. 74.

referencia à Dissertação de Mestrado de Paulo Soares Augusto<sup>28</sup> como forma de evidenciar como a cidade de Uberlândia permeia o discurso do belo, de uma cidade voltada para o progresso.

Embora a abordagem de Paulo Soares esteja intimamente ligada à imagem e à interpretação fotográfica de momentos distintos da história de Uberlândia, seu trabalho é de grande valia no sentido de mostrar como as elites uberlandenses idealizaram um projeto desenvolvimentista em torno desse município.

Ao trabalhar a questão de como o menor era visto e concebido em diversos momentos da história de Uberlândia, o autor faz uma análise iconográfica pelo uso da fotografia como fonte documental para elaborar sua perspectiva. De maneira análoga, a entrada do Museu Municipal, com sua fachada exuberante, pode ser entendida como o propósito das autoridades locais ao constituir uma representação dos agentes que são ativos na elaboração na memória exposta na exposição *Nossas Raízes*.

Segundo Paulo Soares,

Espaço de produção e reprodução, a cidade é por excelência o lugar a partir do qual a modernidade é debatida e representada. Os vários discursos sobre a cidade apresentam fragmentos de uma totalidade inalcançável. Uma das possibilidades de representação, a fotografia é apenas um fragmento dentre outros fragmentos discursivos, ou ponto de partida na tentativa de entender questões deixadas por outros sujeitos. Interpretar as representações da cidade é interpretá-la juntamente com seus sujeitos produtores<sup>29</sup>.

Nesse horizonte, o progresso assume um valor positivo, entrelaçando o discurso presente nas imagens e no discurso oral como forma de construir um imaginário voltado à consolidação desse projeto desenvolvimentista. Paulo soares afirma:

Esse discurso grandiloquente, do qual se ufanam seus mais antigos moradores, pode ser observado tanto na “voz” de vários habitantes da cidade antiga quanto da atual através dos escritos dos memorialistas. Os memorialistas são pessoas muito próximas do poder ou indiretamente ligadas a ele, seja no trabalho da imprensa, seja nos vários documentos produzidos pelos cronistas e poetas da cidade. Eles criam uma imagem da cidade referenciada na beleza e em outros valores positivos<sup>30</sup>.

<sup>28</sup> AUGUSTO, P. S. Reconstrução (interpretação) da História a partir do Documento Fotográfico: uma abordagem da história da infância na cidade de Uberlândia (1940-2000). 146 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

<sup>29</sup> AUGUSTO, P. S. Reconstrução (interpretação) da História a partir do Documento Fotográfico: uma abordagem da história da infância na cidade de Uberlândia (1940-2000). 146 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009. p. 5.

<sup>30</sup> Op. cit., p 26.

Ao lado do apelo visual, que é uma constante nesse trabalho, também receberam atenção especial os depoimentos orais como fontes inspiradoras para reflexões no campo da memória e da representação presente na exposição. De acordo com a concepção de Alessandro Portelli<sup>31</sup>, no caso da oralidade, a relação dialética entre os diferentes sujeitos históricos constitui algo que vai muito além do próprio momento histórico de onde as “falas” estão sendo produzidas. Ou seja, existe aí uma subjetividade traduzida por meio daquilo que é espontâneo – a pesquisa oral traz a espontaneidade, recupera a “voz” de quem viveu e o significado “daquilo” que pensamos não ser interessante ficar escrito para a posteridade.

A partir dessa abordagem voltada para a investigação e análise de fontes orais, seja pelas falas oficiais, seja por frequentadores do museu ou por aqueles que trabalham diretamente nessa instituição, foi possível elencar uma série de testemunhos com o objetivo de trazer à tona qual a percepção e a representação que o Museu Municipal exerce no imaginário social.

## **2.2 A Exposição “Nossas Raízes” sob diferentes olhares**

Posto o quadro acima explicitado, inicialmente cito a fala de João Manoel Magalhães, que, quando perguntado qual seria a função primeira do Museu Municipal, assim responde:

Enquanto funcionário público (vigia na época). Na minha opinião, a função primeira da instituição (Museu) deveria ser: capacitar os cuidadores daquele espaço cultural, como divulgadores da cultura ali exposta. Refiro-me a cuidadores, os funcionários ali presentes, em turnos de trabalho distinto. Quer sejam, os vigias, os auxiliares gerais, os administradores, enfim, servidores públicos embuídos do propósito do bem servir. Para tal propósito, buscava-se a pessoa com o perfil para a finalidade precípua de trabalhar em um museu. Alcançado este objetivo, a instituição por si só, não enfrentaria nenhum obstáculo quanto ao público externo (visitantes)<sup>32</sup>.

---

<sup>31</sup> Idem.

<sup>32</sup> Entrevistado 1. João Manoel Magalhães é funcionário público municipal, já trabalhou como vigia no Museu Municipal no período de 1996 a 1997. Atualmente trabalha na Secretaria de Trânsito e Transportes. Uberlândia, 2009.

É notório perceber certa inquietação na fala de um servidor que já prestou trabalho no Museu, no sentido de problematizar a dinâmica exposta naquele espaço. Tal inquietação pode ser mais evidente quando o servidor é questionado sobre quais seriam as relações entre a memória, a História e o poder, ao que responde:

No meu entendimento, o nosso museu não é um espaço que privilegia a memória, A relação entre a memória e o poder, na minha opinião, é a da conveniência do poder e não a história como fato e a trajetória até o presente. Exemplo concreto. É o do nosso “ex governador” Rondon Pacheco, os relatos constam a sua importância enquanto homem público, não referem-se ao fato do mesmo ter sido um dos mais algozes do AI.5 (Ditadura Militar)<sup>33</sup>.

Posteriormente, quando indagado sobre a sua percepção acerca dos visitantes do museu, João Manoel Magalhães afirma:

A minha percepção acerca dos visitantes, era diversa notadamente, quanto aos perfis (idade, origem, trajes etc). De um lado, o servidor público ali presente “como anfitrião”, sem saber como agradar o visitante. Do outro lado, visitantes sem o hábito de frequentar museu. Esporadicamente, um ou outro visitante com o perfil de “museomaníaco”, despertava-me a atenção, mas faltava-me a capacitação para aproximar. O visitante, por sua vez, deduzia que, por eu ser vigia, seria limitado às minhas atribuições. O visitante limitava-se a observar em silêncio<sup>34</sup>.

O servidor guarda uma memória que denota uma inquietude em relação à dinâmica de funcionamento dessa instituição, bem como faz críticas ao modo como o museu é administrado. Ao relatar a sua experiência pessoal, demonstra preocupação em meio às transformações políticas ocorridas em administrações passadas:

A experiência vivenciada remonta aos museomaníacos, que aos domingos queriam visitar. Todavia, deparavam com as portas do museu fechadas. Em relação às administrações passadas e a presente, o que se percebe, é a mesma filosofia, ou seja, aos domingos, a cultura está trancada. A minha relação com as práticas políticas adotadas é de indignação... notadamente, quanto a atuação do “CONPHAC<sup>35</sup>”, Este conselho é retrato fiel da proposta que se vê no museu. O da imponência na exposição dos objetos. E o da omissão. Tornar pública a composição do “CONPHAC”, as ações desenvolvidas é um passo adiante em prol do museu<sup>36</sup>.

---

<sup>33</sup> Idem.

<sup>34</sup> Entrevistado 1. João Manoel Magalhães. Uberlândia, 2009.

<sup>35</sup> O termo utilizado no depoimento refere-se ao Conselho Municipal de Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Cultural de Uberlândia.

<sup>36</sup> Entrevistado 1. João Manoel Magalhães. Uberlândia, 2009.

Na opinião de Paulo, um visitante que passava pelo museu e foi abordado durante o trabalho de campo, têm-se:

O museu ele resgata a identidade do passado. Que fortalece a memória de uma cidade. E é igual a uma pessoa se a pessoa não tiver - a pessoa não convive na sociedade -história você vai se fortalecendo através do seu valor, no museu é assim o que o museu vai ti mostra o que já foi - na cidade e isso você sabendo o que foi você valoriza mais a cidade, você se apega mais e ela tem uma certa identidade ,uma certa cultura , - , ele passa uma coisa boa para pessoa<sup>37</sup>.

Mais adiante, quando questionado sobre a relação entre o museu e a memória durante a entrevista, o entrevistado responde da seguinte maneira:

Tudo há ver , museu e memória tem tudo haver.Museu é um local onde você vai pega tudo memória ,com aqui no caso, o museu da cidade você vai pega o começo da cidade , Por que existiu a cidade, como ela existiu?E isso é interessante ter um reconhecimento, ter uma identidade e é uma coisa boa como é sua cidade, como é aquela cidade, como ela surgiu? Através do desenvolvimento dela<sup>38</sup>.

Quando questionado sobre o qual interesse estava presente na estrutura do Museu Municipal de Uberlândia, o terceiro entrevistado manifesta-se com as seguintes palavras:

Eu acho que cultural, né.Mais também tem político, da mostra dos bandeirante que vieram aqui e massacraram os índios daqui, índios da região por objetivo econômico ,político que era domina ,era tira as riquezas do povo que morava aqui,aproprias das terras, a cultura do povo.Quer dizer, tem que extinguir a cultura ,eliminar qualquer vestígio que nós nem conhecemos ,porque só conhecemos o Brasil de 1500 pra cá. E depois, o que era o Brasil antes de 1500?Nós não temos informação nenhuma.Sabemos que tinha índios Caiapos ,Tupinambas ,Tupi Guarani ,mais quem eram esses índios, o que eles faziam?Ate hoje a gente não sabe , apagaram da nossa memória.Mas a cultura também e a política ali dentro<sup>39</sup>.

Os relatos até então citados mostram como o Museu ainda é concebido como um espaço privilegiado da memória, onde o saber que ali é exposto carrega toda uma significação positiva no sentido de glorificar os agentes fundadores da cidade de Uberlândia. Mesmo havendo inquietações, tal como manifestadas na fala do

---

<sup>37</sup> Entrevistado 2. Paulo. Uberlândia, 2009.

<sup>38</sup> Idem.

<sup>39</sup> Entrevistado 3- Marcos, pesquisador de um instituto de pesquisas que passava pelo local. Uberlândia, 2009.

entrevistado João Manoel Magalhães, fica evidente que a concepção corrente de museu ainda se aproxima do aspecto da exaltação desses grandes monumentos.

Nesse sentido, o texto “Memória e Cidadania”, de Edgar Salvadori de Decca, refere-se à história como sendo a reconstrução sempre problemática e incompleta daquilo que já não é mais. A memória seria um fenômeno sempre atual, uma ligação do vivido com o eterno presente, ou seja, a história seria uma representação do passado. Nesse sentido, os relatos orais configuram lembranças particulares, não menos importantes, pelas quais a memória se enraíza no concreto, na imagem e no objeto. Por outro lado, a sociedade histórica impõe deliberadamente os lugares privilegiados da memória, e aí o Museu assume papel fundamental na constituição de uma sociedade histórica que dissocia uma distância da história vivida e a percepção histórica do vivido.

Ainda em conformidade com a análise de Edgar de Decca, aponta-se para o nascimento de um presente híbrido e bastante ameaçador: a memória histórica. Nem *memória*, porque alheia à experiência do vivido, nem *história*, porque destituída de valor crítico com relação ao passado<sup>40</sup>.

Em meio a diversas representações que o museu municipal pode apresentar, seja por meio da memória e da experiência de agentes sociais que resistem a uma determinada ideologia imposta, é preciso que se reserve um espaço ao papel da iniciativa privada enquanto motivadora, aliada ao poder público Municipal, em seu objetivo de homogeneizar e difundir a sua história oficial.

Por meio da Figura 7, apresentada anteriormente, é possível fazer algumas considerações sobre o papel dessas instituições privadas. Pode-se pensar que a parceria com o poder público municipal foi criada a partir de uma base política onde a harmonia entre tais instituições garante a manutenção do museu, como forma de expandir os interesses políticos em torno da história da cidade de Uberlândia. Sendo assim, o texto jornalístico cumpre o papel de ressaltar a primazia da participação da iniciativa privada no sentido de promover uma efetiva participação na obra de restauração e pintura do prédio destinado ao museu.

Por outro lado, o texto refere-se ao museu como sendo palco de inúmeras disputas políticas, umas bem sucedidas e outras não. A partir de tal afirmação é possível

---

<sup>40</sup> DECCA, Edgar Salvadori de. Memória e Cidadania. In: São Paulo (cidade). Secretaria Municipal deculturas. O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: DPH, 1992.

problematizar em relação ao fato de que o autor não se preocupou em identificar quais disputas teriam ocorrido, e nem em explicitar os agentes envolvidos nesse processo de resistência. Pensar o museu, nessa ótica, é homogeneizar esse discurso em torno de valor positivo, onde não se pode admitir qualquer oposição ao ideal de progresso, tendo-se por objetivo central engrandecer o papel do patrocinador na obra de restauração do museu.

O silenciamento de lutas e resistências presente no artigo jornalístico reforça ainda mais o papel representativo da classe dominante na manutenção do seu discurso. Sob o pretexto de estar patrocinando a cultura local, o documento, que foi publicado em 1994, enaltece a importância do empresário Dorivaldo Alves do Nascimento, ex-presidente da Câmara Municipal que, por sua vez, conseguiu o patrocínio das Tintas Coral, afirmando que sabia da importância daquele prédio para a cidade, uma forma de incentivar outros empresários a patrocinar a cultura local.

Não é viável pensar que o documento jornalístico seja ingênuo no sentido de não explicitar seu real interesse ou carregar uma intencionalidade que não está presente de forma explícita. Ao mencionar que outras lutas não foram bem sucedidas, é possível pensar em todo um universo de resistências que ficaram à margem do processo hegemônico em torno do ideal da cidade progressista. O engrandecimento de tais valores, e principalmente dos grandes líderes, contribui para que sejam passadas a limpo nossas raízes e nossa história.

Ainda com relação ao uso de fontes orais e à forma como essa tradição é transmitida - como sendo uma história vivida e transportada pela memória coletiva com todas as suas contingências e singeleza -, são exemplares as falas de crianças que visitam o museu municipal de Uberlândia, dentro do projeto Educação pelo Turismo<sup>41</sup>.

Trata-se de um projeto implantado no ano de 2000, que tem como objetivo a inserção de crianças da 3ª série do Ensino Fundamental no cenário urbano do município por meio de um *city tour* escolar, pelos principais pontos da cidade. O projeto já atendeu mais de 35.000 alunos matriculados na rede pública municipal das zonas

---

<sup>41</sup> O projeto Educação para o Turismo tem a finalidade de transportar alunos da rede pública de ensino a diversos pontos turísticos da cidade de Uberlândia, dentre eles o Parque do Sabiá, o Estádio João Havelange, Sabiazinho, Museu Municipal, Oficina Cultural, Biblioteca Municipal, Centro de Convenções, Corredor Gastronômico (Av. Rondon Pacheco), Praças Tubal Vilela e Sérgio Pacheco, complementando com o Centro de Fiação e Tecelagem, bairro Fundinho, Fórum Abelardo Penna e Parque Municipal Victório Siquierolli. Os alunos são transportados em um ônibus devidamente caracterizado com a logomarca da prefeitura e sob a supervisão de seus respectivos professores.

Urbana, Rural e Distritos.



Figura 7 – Ônibus Jardineira utilizado no transporte dos alunos

Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Uberlândia.

De acordo com os organizadores, o projeto configura-se como um exemplar “semeador” de cidadania e conhecimentos, haja vista que as crianças de hoje, em um futuro próximo, se tornarão cidadãos responsáveis pela cidade. Dentre os objetivos básicos desse projeto, destaca-se:

[...] conscientizar sobre a importância sócio-econômica e cultural do turismo, enfatizando os benefícios para a comunidade, empresários e poder público, complementar a grade curricular nas disciplinas de história e geografia assim como alertar os alunos para a importância da sua participação como agentes multiplicadores dentro da sociedade<sup>42</sup>.

<sup>42</sup> Disponível em: <[www3.uberlandia.mg.gov.br/midia/.../futel/educacao\\_turismo.doc](http://www3.uberlandia.mg.gov.br/midia/.../futel/educacao_turismo.doc)>. Acesso em: 23 nov. 2009.

É preciso estar atento, porque sob a administração da Prefeitura Municipal de Uberlândia é ordenada toda uma série de atividades culturais que determinam uma dada cronologia histórica em torno da cidade progressista. Mais uma vez, cabe dizer, é notória a participação de patrocinadores em torno desse projeto que pode ser visualizado na fotografia anterior. Embora o foco principal do nosso trabalho esteja centrado na exposição Nossas Raízes, não poderíamos deixar de lado a participação desse projeto enquanto ferramenta auxiliar na difusão dos ideais de progresso e modernidade para o meio escolar, tal qual a exposição em análise.

Com relação às entrevistas propriamente ditas, vale ressaltar que estas seguiram critérios simples com relação às perguntas. Primeiro, pelo fato de que são crianças em idade escolar de uma turma de terceira série da rede pública de ensino. Por outro lado, também pelo fato de que as mesmas entrevistas foram feitas com o objetivo inicial de atender a demanda da disciplina Seminário de Práticas Educativas e posteriormente incorporadas a esse trabalho de final de curso.

Na fala da aluna Tayná, que respondeu quando perguntada sobre o que havia aprendido com as palestras proferidas pelos monitores dentro do museu municipal com relação à exposição nossas raízes, têm-se:

Aprendi que muitas coisas antigas que usavam como o chicote. Eu achava que chicote era lenda e também achava que aquele negócio de(..) era lenda também. Posto de história, porque você aprende muita coisa que é do passado. Minha mãe esses trem aí, mais ela não sabe fala exatamente, a professora fala do jeito que... bem direitinho<sup>43</sup>.

Outra aluna de mesmo nome, responde da seguinte maneira quando questionada sobre o porquê de se conhecer as nossas origens e a nossa história: “Achei muito interessante, porque quase nada eu tinha visto aqui, não conhecia quase nada. [...] Porque quando agente não conhece Uberlândia, aí agente vem aqui e fica sabendo”<sup>44</sup>.

Embora esses testemunhos sejam de relativa simplicidade, seja pelas perguntas ou pelas respostas, denotam a importância do museu enquanto instrumento de grande importância na consolidação de uma história moldada nos ideais de quem a formula. A representatividade do museu enquanto detentor oficial da memória da cidade de

<sup>43</sup> Entrevistada 4, Tayná é aluna da terceira série do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública de ensino. Uberlândia, 2009.

<sup>44</sup> Entrevistada 5, Tayná. Uberlândia, 2009.

Uberlândia contribui para o fortalecimento de um imaginário social voltado para a manutenção de um enredo único e homogêneo.

Assim sendo, os relatos dos alunos aproxima-se com uma realidade de surpresa em face de um mundo novo que até então não conheciam, ou seja, os primórdios da cidade de Uberlândia, contados a partir de uma cronologia que privilegia a exposição de uma série de objetos utilizados nas fazendas, assim como o apelo visual presente nas gravuras e telas que colocam os Bandeirantes e fazendeiros como protagonistas principais de nossa história.

O interesse dos alunos em relação a esse mundo de descobertas acerca do passado é visível nas entrevistas, pois a cada uma das salas há identificam-se com determinado objeto que chama a atenção. Assim sendo, cito a fala de Tainá, ao referir-se sobre o que mais havia chamado a atenção na visita ao museu: “Foi aquele copo com um negócio assim, aquele copo na cozinha que colocava água. Eu não sabia”<sup>45</sup>.

A curiosidade é despertada a todo instante pelos instrumentos utilizados na lavoura, tais como o carro de boi, as peças de arado, a vestimentas, o fogão de lenha tradicional. De especial modo chama atenção a maquete que retrata os primórdios do vilarejo de São Pedro do Uberabinha disposta na última sala da exposição. O aspecto visual é bastante explorado como forma de prender a atenção dos visitantes no horizonte de uma história desprovida de lutas e desigualdades.

No que se refere aos propostos implícitos que a exposição pretende afirmar, cabe ao historiador entender que há uma deformação historicista que leva a considerar a história como um fluxo do processo social que se dá a partir de eventos previamente datados. Nesse sentido, ao reconstituir o passado em torno de um calendário que torna inteligível a evolução dos povos, é negligenciado aspectos de grande importância para segmentos sociais que ficam à margem dessa história oficial apresentada na exposição.

Nesse sentido, tomando como referência as reflexões de Roger Chartier<sup>46</sup>, o museu enquanto representação, expressa o modo pelo qual em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade é constituída, pensada e dada a ler por diferentes

<sup>45</sup> Entrevistada 5, Tainá. Uberlândia, 2009.

<sup>46</sup> CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: \_\_\_\_\_. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, p. 61-80.

grupos sociais. Nesse horizonte, a construção das identidades pode ser pensada como resultado de uma relação de forças entre as representações impostas por aqueles que têm o poder de classificar e nomear e a definição submetida ou resistente, que cada comunidade produz de si mesma.

Dessa forma, ao pensar as representações construídas socialmente, Chartier entende que alguns discursos historiográficos são determinados pelos interesses dos grupos dominantes. Por isso, para o autor, interpretar a realidade histórica seria uma maneira de perceber como os indivíduos representam a realidade e como essas concepções orientam as suas práticas sociais. Ou seja, a exposição *Nossas Raízes*, longe de tratar de um mero recurso com o objetivo de preservar a memória social e indicar, ainda que de forma equivocada, aquilo que um dia já teve significado, inscreve-se no interior das disputas simbólicas, enaltecendo feitos e personalidades e, ao mesmo tempo subliminarmente, induzindo formas de comportamento social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda a trajetória que envolveu a pesquisa e a escrita desse trabalho estão intimamente ligadas a uma preocupação de se posicionar frente à história, não como mero aparato em torno da construção de uma história unilateral concebida por poucos, mas com a intenção de vislumbrar novos horizontes no campo da oralidade e da imagem visando explicitar os discursos expressos em tais fontes.

As fontes escritas tiveram papel de grande relevância para o trabalho, contribuindo para evidenciar como os documentos oficiais, seja por meio da imprensa escrita, seja pelos discursos das autoridades, funcionam como diretrizes formadoras de uma consciência histórica em todos aqueles que adentram ao museu municipal de Uberlândia. No entanto, a história de que a exposição Nossas Raízes pretende vangloriar, longe de encerrar uma verdade única, deve antes ser vista como resultado de uma intencionalidade inscrita em um projeto voltado para negligenciar os conflitos e as experiências humanas.

Ao percorrer as salas da exposição e em face a toda a argumentação em torno das imagens e dos primórdios da criação da cidade de Uberlândia que culmina com o surgimento do vilarejo de São Pedro do Uberabinha, é preciso estar atento ao fato de que o elemento orquestrador de todo esse processo está canalizado na idéia incessante do progresso e do desenvolvimento, considerados como fatores essenciais para o crescimento econômico e demográfico do município.

Os discursos oficiais, sob a forma de relatos de autoridade locais, bem como a própria imprensa escrita, dimensionam o museu enquanto espaço privilegiado da memória. No entanto, essa memória que a exposição pretende consolidar serve aos interesses de uma minoria que faz uso do Museu Municipal para legitimar o seu propósito, inserindo na exposição uma história contada a partir da ótica dominante, onde valem os feitos dos Bandeirantes e dos grandes fazendeiros em detrimento de todos os agentes sociais que fizeram parte desse processo histórico.

Passar a limpo a história, nesse âmbito, seria passar por cima das diferenças e das diversas manifestações contrárias a esse movimento progressista, criando as bases sólidas de uma história manipulada em torno de interesses políticos e econômicos. A

memória, para além dos aspectos ressaltados na exposição Nossas Raízes, deve ser uma aliada no sentido de deixar vir à tona uma realidade múltipla e diversa, não necessariamente em conformidade com o que está instituído. Por isso, a memória popular pode, também, ser parâmetro para a problematização e desconstrução de paradigmas existentes.

Embora não tenha sido explorada de forma mais intensa a oralidade, as entrevistas foram suficientes para entender como a memória é consolidada no imaginário social de forma a contemplar o museu como expressão de uma verdade e de uma representatividade dos grandes líderes locais.

A exposição engrandece e confere ao museu uma posição privilegiada, colocando este como sendo um local detentor de uma memória por meio da qual é manifestado um posicionamento histórico de modo seqüencial e cronológico, distribuído no interior das salas da exposição. Todo o percurso histórico presente na exposição foi concebido a partir da necessidade de dar ao museu seu status de homogeneizador dos conflitos sociais, atribuindo ao museu um papel de homenagem aos seus protagonistas, ao passo que silencia não somente a história de negros, índios e mulheres, mas toda e qualquer manifestação que contrarie os ideais de uma cidade progressista e ordeira.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE Jr.; Durval Muniz. **A arte de inventar o passado**. História. A arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da História. Bauru: Edusc, 2007. Capítulo 7 – Experiência: uma fissura no silêncio.

ALESSANDRO , Porteli. **O que faz a história oral diferente**. Trad. Maria Therezinha Janine Ribeiro. São Paulo: CEDIC-PUC/SP, 1995. Mimeo.

AUGUSTO, P. S. Reconstrução (interpretação) da História a partir do Documento Fotográfico: uma abordagem da história da infância na cidade de Uberlândia (1940-2000). 146 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & fotografia**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2005, p. 80.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 91-110.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: \_\_\_\_\_. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, p. 61-80.

DECCA, Edgar Salvadori de. Memória e Cidadania. In: São Paulo (cidade). Secretaria Municipal deculturas. O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: DPH, 1992.

FENELON, Déa Ribeiro. “E. P. Thompsom- História e Política” in: **Revista Projeto História**, nº12, PUC, São Paulo, 1995, p.77-78

FENELON, Déa Ribeiro; CRUZ, Heloisa Faria. PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. Introdução. In: **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olhos d’Água, 2004, p-12.

FENELON, Déa Ribeiro; CRUZ, Heloisa Faria. PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. Introdução. In: **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olhos d’Água, 2004, p-12.

FONTANA, Josep. **História dos Homens**. São Paulo: Edusc, 2006., p 477.

JESUS, W. F. **Poder Político em Uberlândia - Mudanças e Permanências - 1982-1996**. 77 f. Monografia (Curso de História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 1999.

JOLY, Martine. **Introdução à Análise da Imagem**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1996.

JORNAL O Triângulo, Uberlândia, 06 jun. 1997.

KLARISSA, Ana. As raízes de Uberlândia. **Jornal O Correio**. Uberlândia, 27 ago. 2000, Cultura, p. C-1.

LARA, S. H. Historia, Memória e Museu. **Revista do Arquivo Municipal**, Cidade, v. 200, p. 99-111, 1991.

MARTINELLI, Sérgio. Museu Municipal. **Jornal O Triângulo**, Uberlândia, 30 ago. 2000. Cidades, p.10.

MONIOT, Henri. A história dos povos sem história. In LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. **História: Novos Problemas**, Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1979, p.102

PREFEITURA Municipal de Uberlândia. Disponível em: <[www3.uberlandia.mg.gov.br/midia](http://www3.uberlandia.mg.gov.br/midia)>. Acesso em: 18 nov. 2009.

PROJETO Educação Pelo Turismo. Disponível em: <[http://www.uberlandia.mg.gov.br/servicos\\_programas.php?id=611](http://www.uberlandia.mg.gov.br/servicos_programas.php?id=611)>. Acesso em: 15 nov. 2009.

SECRETARIA Municipal de Cultura. Desde os Bandeirantes na região... ao Município de São Pedro do Uberabinha. Uberlândia-MG, 1999. Projeto.

SILVA, Angela Maria; PINHEIRO, Maria Salete de Freitas; FRANÇA, Maira Nani. **Guia para normalização de trabalhos técnico-científicos**. Uberlândia: Edufu, 2005. 145 p.

SILVA, Marcos. **História – O prazer em Ensino e Pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

THOMPSON, E. P. **A Miséria da Teoria ou um planetário de erros**. Trad. Waltencir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

VEYNE, Paul. Como se escreve a História. Lisboa: Edições 70, 1987.